A Construção de um Programa de Educação Ambiental na Comunidade: Interdisciplinaridade, Subjetividade e Cidadania

Área Temática de Meio Ambiente

Resumo

Para que os programas de Educação Ambiental (EA) sejam efetivos, torna-se necessário conhecer a comunidade em que serão desenvolvidas as atividades para promover o envolvimento de seus integrantes. Este artigo relata um trabalho participativo de EA que ocorreu em uma comunidade urbana unindo diversos atores sociais (população local, órgãos públicos e universidade), em busca de melhorias no meio ambiente local. Para tanto, buscou-se inicialmente, identificar os problemas existentes no local mediante análises de água (solicitadas pela comunidade local) e entrevistas com os moradores, para então, dar-se início às atividades de intervenção em EA. Os resultados deste trabalho foram bastante positivos: a comunidade trabalhou organizada e, com isso, conseguiram melhorias nas condições sociais e ambientais: água tratada para toda a população, coleta de lixo em todos os locais, ruas e ribeirão mais limpos. Concluiu-se que foi de fundamental importância para o trabalho realizado a integração entre os grupos organizados para discutirem os problemas e as possíveis soluções.

Autoras

Marivete Gesser: Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social, Instituto de Pesquisas Sociais
Ana Lúcia Bertarello Zeni: Bióloga, Professora do Departamento de Ciência Naturais

Instituição

Universidade Regional de Blumenau - FURB

Palavras-chave: educação ambiental; participação; cidadania.

Introdução e objetivo

Este artigo relata o trabalho desenvolvido pelo subprojeto Conversando Sobre a Água: um Trabalho de Educação Ambiental na Comunidade (Projeto de EA) que está inserido no Projeto Assentamentos Humanos Populares sendo este, vinculado Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias da universidade local, onde existe uma equipe interdisciplinar composta por profissionais da Biologia, Arquitetura e Urbanismo, Psicologia, Direito, Antropologia e Serviço Social que, mediante seus subprojetos, viabilizam ações para melhorias de diversos aspectos da comunidade.

A comunidade da Rua Pedro Krauss Sênior e Adjacências situada em Blumenau - SC, onde está ocorrendo o Projeto de EA é constituída por uma população de baixa renda e permeada por uma série de problemas sociais, tais como: ocupação irregular e, em grande parte, “de risco”, topografia do terreno constituída por uma pequena parte plana rodeada por morros com ocorrências de deslizamento (Torres, 2002) e queimadas (Garcia, 2002, p. 1b); precário abastecimento de água, esgoto a céu aberto e, em alguns locais sem coleta de lixo; a água utilizada por grande parte da comunidade era imprópria para o consumo; inexistência de áreas próprias para lazer; alto índice de desemprego ou subemprego com baixos salários além da falta de apoio dos órgãos públicos. Frente a esta realidade constatou-se a necessidade de um programa de EA que buscasse possíveis soluções para os problemas ambientais existentes no local, mas, de maneira que envolvesse vários segmentos da sociedade.

O objetivo principal foi de desenvolver um trabalho de forma participativa e integradora de EA envolvendo concomitantemente a comunidade e os órgãos públicos em busca de melhorias nas condições ambientais. De acordo com Almeida (1999), para que o ambiente continue favorável às condições de vida na terra, depende da interação entre os setores público e privado, do processo educativo em todos os níveis da sociedade e de um forte embasamento ético, que permita a cada um fazer a sua parte. Para tanto, tal integração é de fundamental importância pois, influencia diretamente a saúde e o bem estar das pessoas, seja pelo aspecto de prevenção de doenças ou pelo aspecto estético (mau cheiro, lixo jogado nos rios e encostas).

Metodologia

O trabalho foi dividido em três etapas. A primeira delas diz respeito à análise da água consumida pelos moradores da comunidade, onde os pesquisadores do Projeto de EA coletaram água em diversos poços e nascentes espalhados por toda a comunidade com o intuito de avaliar a sua qualidade.

Em seguida, foram realizadas entrevistas de significação ambiental que visaram compreender os significados que o ambiente tem para esta população, bem como, obter uma maior compreensão dos problemas ambientais locais.

Após isso, deu-se continuidade ao trabalho com atividades de EA de forma participativa dentro da comunidade envolvendo diferentes segmentos da sociedade: PSF (Programa Saúde da Família), FAEMA (Fundação Municipal do Meio Ambiente), SAMAE (Serviço Municipal de Água Esgoto) e Grupos organizados da comunidade. Estas atividades foram iniciadas com o fortalecimento dos grupos organizados existentes no local: Associação de Moradores, Grupo de Jovens, Grupo de Mulheres, onde o Projeto EA e pesquisadores do curso de Serviço Social participaram tanto no assessoramento e efetivação das ações quanto nas discussões sobre os problemas ambientais existentes, buscando junto à comunidade alternativas para solucioná-los.

O primeiro passo do projeto junto aos grupos organizados e a comunidade em geral foi, após a finalização das entrevistas de significação ambiental, apresentar os resultados obtidos. Foram realizados vários encontros onde às pessoas que estavam presentes tiveram a oportunidade de colocar suas falas e, de propor ações efetivas, ou simplesmente, expondo situações do seu cotidiano. Além disso, o projeto também assessorou os grupos comunitários a buscarem, junto às políticas públicas, argumentos e caminhos para minimizar os problemas constatados durante as reuniões realizadas na comunidade.

Resultados e discussão

Em relação à água não tratada consumida pelos moradores, constatou-se que, a partir das análises realizadas pelo IPTB (Instituto de Pesquisas Tecnológicas de Blumenau), todas as nascentes e poços artesianos existentes no local estavam contaminados por altos índices de coliformes fecais e totais. Frente aos dados encontrados, foi necessário desenvolver um trabalho de esclarecimento e conscientização acerca da necessidade de se tratar a água consumida pelos moradores. Então, o Projeto EA em parceria com o IPA (Instituto de Pesquisas Ambientais-FURB), desenvolveu uma cartilha, baseada na realidade da comunidade, denominada Conversando sobre a água cujo objetivo foi informar e esclarecer as pessoas sobre água tratada e não tratada para consumo humano.

Quanto às entrevistas de significação ambiental, foi constatado que, apesar do problema com a água ser grave, os moradores citaram com maior frequência o problema do lixo, por este, talvez ser mais visível e esteticamente desagradável contribuindo assim, para a constituição das significações que a população desenvolve do lugar onde vivem. Para Vygotsky (2000), toda a vida humana está impregnada de significações e estas, são

construídas mediante as relações que os sujeitos tem com os outros, com o ambiente e a maneira de como ele se apropria destas relações e constrói os sentidos, afetos e emoções.

Além disso, os resultados obtidos na pesquisa com esta comunidade não revelaram diferenças significativas de opiniões entre as pessoas com diferentes níveis de escolaridade. Este fato pode estar relacionado com o pontuado por Jacobi (2000, p. 159) quando coloca que “significativas diferenças de escolarização não representam um fator que indique atitudes opostas em relação à forma de enfrentar os problemas ambientais”.

Quando os moradores da comunidade foram questionados sobre o que é meio ambiente, a maioria o percebe como “a natureza preservada” ou seja, como algo que está distante deles e que deve ser cuidado. As respostas obtidas foram: “não jogar lixo em qualquer lugar”, “não desmatar”, “cuidar da natureza”, “não derrubar árvores”, “árvores”, “ar puro”, “o mato, as plantas”, “higiene”, “não fazer queimadas”. Apenas 5% dos entrevistados responderam que “é o ambiente em que vivemos”, e nenhum deles destacou seres humanos ou até, a própria casa como pertencentes ao ambiente. Isso demonstra que a população não se vê como parte dele.

De acordo com Schramm (1992), está ocorrendo uma ‘crise da relação’ (eco-lógica), ou seja, crise da moradia na qual a vida se faz, crise da racionalidade das relações que os seres estabelecem entre si, com outros seres vivos e com a própria moradia e ‘crise de valores’, uma vez que, frente à situação de integração mundial de nosso tempo, a cooperação é imprescindível, mas seria necessário o estabelecimento de novos valores para o enfrentamento de tão rápida transformação. Já Silva e Schramm (1997) apontam que uma das causas desta crise foi o método cartesiano que propõe a cisão entre homem/natureza, corpo/espírito, ou seja, a visão de separação e dominação tornou-se predominante no mundo ocidental não possibilitando que as pessoas se sintam como parte do ambiente onde vivem.

Quanto aos problemas ambientais mais citados, 62,5% dos entrevistados disseram que é “o acúmulo de lixo não recolhido”, seguido de “desmatamento e queimadas” 13,75% e, “esgoto a céu aberto” 11,25% não sendo citado o problema referente à contaminação da água. Outro dado interessante foi obtido quando questionados sobre a água e, se ela poderia ser consumida sem tratamento. Um total de 34% disse que sim e, quando questionados sobre o porquê, eles responderam: “mal não faz, sempre usamos” 54,15 %, “é melhor que a da SAMAE (Sistema de Abastecimento Municipal de Água e Esgoto)” 12,49 %, “a gente limpa a caixa d’água” 12,49%, “não tem ninguém que polui” 12,49% e, “é só limpar ao redor”, 8,33%. Segundo Jacobi (2000, p. 157) o fato da população citar o problema do lixo colocado em qualquer lugar, principalmente nos córregos, está diretamente relacionado com o impacto que este provoca em suas vidas e, que se reflete notadamente nas épocas de enchente ou enxurradas, quando este lixo impede a passagem da água retornando às casas ou então provocando deslizamentos.

Apesar dos problemas existentes na comunidade, 84% dos moradores afirmaram gostar de morar no local. Acreditamos que este fato tenha auxiliado o desenvolvimento das atividades de EA, pois os moradores, após o início do trabalho, se mostraram muito dispostos a buscarem melhorias nas condições do local.

Os resultados do questionário juntamente com as análises da água relatadas anteriormente, foram importantes para o desenvolvimento de ações condizentes com a realidade vivida pelos moradores do bairro, suas expectativas, sentimento e valores, acerca do ambiente onde vivem, numa tentativa de fugir de temas ambientais distantes da realidade, buscando uma maior identificação com a localidade deles.

Em relação à forma como o trabalho foi conduzido, foram realizados diversos encontros com a comunidade onde, houve uma grande diversidade no que tange as opiniões em relação às sugestões dadas pelos integrantes da comunidade nas reuniões da Associação de Moradores para que sejam resolvidos os problemas ambientais. Algumas pessoas apenas

culpabilizaram os órgãos públicos quanto à responsabilidade dos problemas existentes na localidade, porém a grande maioria disse que toda a população é responsável pelos problemas ambientais existentes, coincidindo com os resultados obtidos desta mesma questão nas entrevistas realizadas anteriormente. Deste modo, conforme depoimentos abaixo, esta população, na grande parte das reuniões, tinha uma tendência de culpabilização individual, quando na verdade, o problema vivido por eles é psicossocial, ou seja, nos lugares mais altos do morro, o caminhão de lixo não tem acesso, fazendo com que as pessoas tenham dificuldades de manter o local limpo, porém, conforme depoimentos abaixo, eles transferiam a culpa só para eles:

“Eles não precisavam jogar lixo em qualquer lugar pois sabem que quando chove, vai tudo para o rio que fica todo sujo. Nem dá para passar por lá”.

“É, este ribeirão já foi limpo algumas vezes pela defesa civil, bombeiros e comunidade, porém, continua imundo”.

Neste momento, ressaltamos que, tanto a população, como também, os órgãos públicos precisam, mediante um trabalho de EA, se envolver para a resolução dos problemas. É importante destacar que essas discussões feitas acerca dos problemas existentes na comunidade foram pautadas numa posição democrática e dialógica onde todas as pessoas puderam, através de encontros participativos, colaborar para a construção de soluções para a problemática ambiental. Segundo Lane (1996) o grupo é um lugar onde se pode conhecer a realidade comum, permitindo fazer uma reflexão-ação, assim como também, buscar uma ação conjunta organizada.

Alguns moradores, nestas ocasiões reclamaram que estavam pagando a taxa de lixo (esta vem descontada diretamente na conta de água), mesmo o caminhão não conseguindo chegar até nos locais mais altos para realizar a coleta. Outra questão muito debatida foi a necessidade de se conseguir melhorias no saneamento básico, (tratamento de esgoto e ampliação da rede de água) para toda a comunidade. As soluções para os problemas debatidos durante as reuniões na comunidade serão expostas em seguida.

Enfim, mediante as reuniões na comunidade, estes sujeitos conseguiram resgatar sua cidadania através do direito de expor seus problemas e dificuldades bem como, propor em conjunto, soluções para os mesmos. Conforme Sawaia (1994 p. 153), precisamos educar para a promoção da cidadania recuperando o homem rico em necessidades, imaginativo e com esperanças. Para tanto, é necessário que sejamos especialistas em subjetividade, relações de poder, comunicação, tanto em legislação como em movimentos sociais. A autora também acrescenta que “Cidadania não é um modelo absoluto de felicidade, liberdade e necessidade, expurgado de todos os elementos particulares em nome da igualdade. Ela é potencialidade de ação coletiva e individual em prol do bem comum e do gozo particular. Para tanto, pressupõe a existência de comunidades livremente escolhidas, onde os homens discutem, escolhem e planejam formas plurais de vida” (Sawaia, 1994 p. 153).

A partir das reuniões realizadas percebemos como é importante que o trabalho na comunidade seja desenvolvido com respeito à alteridade e à pluralidade visto que, as pessoas se constroem mediante relações diferenciadas. Deste modo, temos um papel fundamental enquanto educadores ambientais que consiste em saber lidar com a diversidade e, a partir dela, mediar a construção de novos significados sobre o meio ambiente, bem como, novas relações mais abertas e dialógicas onde possamos construir em conjunto soluções para os problemas sociais e ambientais. “É no contexto grupal que nós nos identificamos com o outro e é nele também que nos diferenciamos deste, e assim construímos a nossa identidade, sendo o grupo condição para a sua manutenção e metamorfose” (Lane, 1996, 32).

Deste modo, o trabalho conseguiu potencializar para a participação e emancipação política, econômica, ética e subjetiva. Para Sawaia (2001, p. 123- 125) “Potência de ação é a capacidade de ser afetado pelo outro, num processo de possibilidades infinitas de criação e de

entrelaçamento nos bons e maus encontros. É quando me torno causa de meus afetos e senhor de minha percepção. A potência de padecer, ao contrário, é viver ao acaso dos encontros, joguete dos acontecimentos, pondo nos outros o sentido de minha potência de ação”. Sawaia também destaca que, a participação é inerente ao ser humano, porém, “(...) no capitalismo, em que, pela mediação das forças sociais, a subjetividade é apropriada e devorada pela lógica do lucro, sustentando formas de não participação ou pseudo-participação como o individualismo e a participação em prol dos interesses do outros”. Para que se possa fazer o sujeito desenvolver sua característica imanente de participar, torna-se necessário convocar todos os setores da comunidade para encontros onde se abre a possibilidade de construírem alternativas para a melhoria das condições de vida e dos problemas locais em conjunto.

Assim, com a fortalecimento dos grupos organizados da comunidade, foi possível um trabalho de potencialização da mesma para reivindicar melhorias nas condições ambientais junto ao poder público. Os frutos da organização da Associação de Moradores e demais grupos comunitários começaram a aparecer logo após a divulgação dos resultados das análises de água feitas na comunidade, e, também outros problemas levantados pelos moradores no âmbito social: creches, um novo local para o Posto de Saúde, pavimentação de ruas.

A Associação de Moradores, que vem crescendo muito a partir da intervenção dos projetos de Organização Comunitária e EA, já foi reivindicar à Universidade para que os trabalhos desenvolvidos no local tivessem continuidade, bem como, buscar junto à Prefeitura, a ampliação da rede de água potável para todos os moradores da comunidade e, demais benefícios sociais. Diante desta atitude, a Prefeitura da cidade liberou uma verba vinda da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) destinada a consolidação da rede de água para toda a população do bairro. A partir do momento em que a verba foi destinada para a comunidade, todos os grupos se mobilizaram para pressionar as autoridades públicas da SAMAE à implantar, o mais rápido possível, a rede de água, pois estes estavam demorando. Eles também conseguiram, a partir desta conquista, terem mais esperança, de que vale o esforço reivindicar os direitos garantidos por lei (Artigo 225 da Constituição Federal de 1988) e começaram a se mobilizar também para conseguir latões de lixo, rede de esgoto, etc.

O Projeto em parceria com o SAMAE, Posto de Saúde, Associação de Moradores e FAEMA, realizou outras reuniões onde houve a presença de um dos seus técnicos para explicar para a comunidade como se faz a limpeza de uma caixa de água, bem como, para tirar dúvidas de toda a população presente, também nesta oportunidade, foi discutindo sobre a cartilha Conversando Sobre a Água.

Atualmente na comunidade já existe uma sensibilização maior e na busca pela conscientização crescente principalmente através da Associação de Moradores com a vice que realizou curso e está engajada e também, os moradores já exercitam uma maior capacidade de participação para reivindicar seus direitos e, discutir propostas para obter melhorias tanto junto aos órgãos públicos como entre eles próprios. Além disso, a associação de moradores, grupo de jovens e demais grupos comunitários, já sabem como fazer para mobilizar a comunidade para futuras conquistas. O que demonstra que, eles já possuem condições de serem protagonistas da EA.

Conclusões

Para o desenvolvimento das atividades de EA dentro da comunidade foi indispensável a identificação dos problemas existentes no local bem como, o conhecimento dos significados que o meio ambiente tem para a população.

A integração de diversos setores da sociedade: Posto de Saúde, SAMAE, FAEMA, Universidade e grupos organizados da comunidade, foi fundamental para os resultados alcançados. Além disso, a interdisciplinaridade que ocorreu entre alguns subprojetos do Projeto Assentamentos Humanos Populares contribuiu para o enriquecimento do trabalho.

São visíveis as melhorias ocorridas na comunidade e na população, os próprios moradores perceberam que o local está mais limpo e se conscientizaram tanto ao nível individual, procurando reduzir o lixo produzido, reutilizar o que é possível e separar para coleta seletiva, como a nível grupal, através da Associação de Moradores e demais grupos onde reivindicam melhorias, como latões para o lixo, novo local para posto de saúde, aumento do número de vagas na creche, tratamento de esgoto, ampliação de áreas de lazer, entre outros. Além disso, grande parte dos moradores da comunidade, mediante o trabalho de EA, passaram a se ver como pertencentes ao ambiente onde vivem e, mediante isso, a valorizá-lo mais. Outra conquista importante foi a qualificação de uma integrante da Associação de Moradores que fez um curso de EA e, está dando continuidade ao trabalho iniciado em sua comunidade.

Demonstrou-se também imprescindível que a Educação Ambiental enfoque o sujeito a partir de uma perspectiva sócio-histórica, levando em conta que ele é construído e construtor do mundo e, neste sentido, ele tem a possibilidade de transformar o meio ambiente em que vive se assim o desejar.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, V. J. & ALMEIDA, A. A. Programa de Educação Ambiental: Resgate e Proposta Participativa. Revista de Ciências Humanas. Taubaté, v.5, n.2, p. 21-24, jul.-dez., 1999.
- GARCIA, E. Chamas tomam conta do morro. Jornal de Santa Catarina. Blumenau. 14 de novembro de 2002. Geral, 1b, p1.
- JACOBI, P. Do centro à periferia – meio ambiente e cotidiano na cidade de São Paulo. Ambiente e Sociedade, Campinas, 2000, n. 6/7, p.145-162.
- LANE, S. T. M. “Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil” In: Meio ambiente e formação de professores. Questões da nossa época. v. 38. São Paulo, 1994.
- SAWAIA, B. B. Cidadania, diversidade e comunidade: uma reflexão psicossocial. In: A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez. 1994.
- _____. Participação social e subjetividade. In. Ambientalismo e participação na contemporaneidade. São Paulo: EDUC/FAPESPS. 2001.
- SCHRAMM, F R. Ética e Ecologia: algumas reflexões comuns. In: Saúde Ambiente e Desenvolvimento: Uma análise interdisciplinar. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.
- SILVA, Elmo Rodrigues & SCHRAMM, Fermin Roland. A questão ecológica: entre a ciência e a ideologia/ utopia de uma época. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1997, v.13 n.3, p.355-365.
- TORRES, Mônica. Deslizamento de terras compromete três casas. Jornal de Santa Catarina. Blumenau. Nov., 2002 Geral 1b. p.1.
- VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento de da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.